

Memórias traumáticas: entrevista com Marita Sturken

Traumatic memories: interview with Marita Sturken

Enviado em 26 de dezembro de 2016

Aceito em 26 de dezembro de 2016

FERREIRA, Maria Letícia M.¹

Resumo

Na atualidade, a luta antiterrorista ganha abrangência internacional, polarizando o mundo em torno de algozes e vítimas. Devemos tal quadro, particularmente, ao rescaldo do 11 de Setembro, que gerou um grande trauma na sociedade americana e fez nascer profundos temores em todo o mundo Ocidental. A elaboração das memórias relacionadas a uma tão grande tragédia deveria dizer respeito não somente às vítimas diretas e seus familiares, mas também ao contexto internacional do qual é fruto e a partir do qual passou a influenciar a Política em escala global. Acerca da abrangência dessa temática e de como é interpretada no Memorial e Museu do 11 de Setembro e em outros locais dedicados a abordar memórias traumáticas nos fala Marita Sturken, professora do Departamento de Mídia, Cultura e Comunicação da Universidade de Nova Iorque, nesta entrevista, concedida à professora Maria Letícia Mazzucchi Ferreira em 15 de Novembro de 2015, e financiada pelo Edital Pesquisador Gaúcho, FAPERGS.

Palavras-chave: memória, trauma, política

Abstract

¹ Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas. Atua como docente e pesquisadora na área de Patrimônio, principalmente nos seguintes temas: patrimônio industrial, patrimônio imaterial, políticas públicas de patrimônio, memória, museus. É docente no Programa de Pós-Graduação (Mestrado/Doutorado) em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

Currently, the fight against terrorism has expanded globally, polarizing the world between executioners and victims. This is due particularly to the aftermath of the events of September 11th, 2001 that traumatized U.S. society and raised deep fears throughout the Western world. The elaboration of memories of such a great tragedy should be related, not only to the direct victims and their families, but also to the international geopolitical context of which it was a product and also to its worldwide repercussions. In this interview, Marita Sturken, Professor of the Department of Media, Culture and Communication at the University of New York talks to us about the influence of this topic and how it is interpreted in the National September 11 Memorial and Museum and in other sites dedicated to addressing traumatic memories. This interview was granted to Professor Maria Leticia Ferreira Mazzucchi on November 15th, 2015, and was funded by the *Edital Pesquisador Gaúcho*, FAPERGS.

Keywords: memory, trauma, policy

Qual a sua opinião sobre o Memorial do 11 de Setembro?

Eu penso que ele cumpre o papel de contar a história dos sobreviventes, mas falha completamente na explicação do contexto político que envolve o evento. Então, eu acho que é um projeto fracassado em vários aspectos, mas em muitos outros é bastante efetivo em gerar empatia, e há mesmo partes das quais eu gostei mais do que esperava, incluindo o atual espaço físico do museu que me parece muito interessante.

Mas era previsível que não fosse possível abordar realmente o sentido político do 11 de setembro e, particularmente, suas consequências. Eu penso que isso ocorre porque parte disso tudo é muito perturbador. Por isso considero que a sessão onde se pode ouvir as histórias das testemunhas seja a parte mais interessante de todo o museu.

Há algo de muito comovente nisso. Mas eu nunca pensei que seria uma boa ideia construir um museu no local mesmo onde ocorreu a tragédia, pois ali é, antes de tudo, um lugar para a memória e não poderia ser um museu histórico. Não pode ser

realmente um museu que busque interpretar o que houve como um evento histórico porque esse lugar ocupa o papel fundamental de um local de lamentação e luto para aqueles relacionados com as vítimas, o que o impede de ser capaz de falar sobre o contexto, sobre a responsabilidade dos Estados Unidos nisso tudo, o que não era inesperado. É como se esses dois grandes objetivos restringissem a história que desejam contar e isso era absolutamente previsível.

Você pensa que possa ser comparado ao caso da ESMA, em Buenos Aires, um local de detenção e tortura e depois um museu-memorial?

Eu estive na ESMA faz alguns anos e pode ser que tenha havido mudanças desde essa época, mas eles deliberadamente mantinham o espaço vazio, quase nada se parecia com a ideia que se tem de uma exposição, quando se circulava pelos espaços disponíveis para visitação. Assim, de certa forma eles pareciam não querer que o local se parecesse com um museu, e o próprio vazio parecia significar uma forma de experienciar o sentido do lugar. A experiência não dizia respeito a objetos, textos ou fotos, ou coisas assim. Era um circuito de visitação bastante controlado, que fiz algumas vezes.

Como se fosse um tipo de expografia?

Bom, havia ali um roteiro muito específico a ser seguido, para o qual os responsáveis pela exposição estavam treinados e que levava o visitante a ter um tipo muito particular de experiência, sendo que essa experiência era especificamente sobre o espaço físico do museu e não a respeito de outra coisa qualquer. Por outro lado, o museu aqui em Nova Iorque está saturado de coisas, coisas a mais, proporcionando uma experiência completamente diferente.

Qual a sua opinião acerca da expografia da dor, por exemplo. Como é possível expor a dor? Seria isso possível?

Bem, eu acho que a grande questão é: qual o objetivo de um museu que se intitule museu de memória? Alguns deles buscam causar empatia aos visitantes, outros são mais tradicionais. O tema é criar um espaço para celebrar as mortes de indivíduos que ocorreram ali, permitindo o luto, por outro lado há museus como o Museo de la Memória de Santiago (Chile) que realmente é um museu histórico com seções destinadas à memória daqueles que morreram vítimas da violência.

O museu aqui em NY constrói sua memória como parte de algo mais, não? Há esse aspecto, a memória dos que morreram, mas há também a história daquele dia, e dos que sobreviveram, e também o contexto histórico do evento, logo há muitos aspectos que o museu tenta abarcar.

Bem, se você pensa este espaço como um museu de memória ele realmente assinala a ideia de uma espécie de local para o luto e para a empatia, convidando o visitante a participar, ainda que ele, visitante, possa não ter conhecido os que morreram. Nesse aspecto, eu penso que haja aqui contradições, e talvez alguns museus resolvam isso melhor do que outros. Por exemplo, no caso do Olimpo, em Buenos Aires, não houve intenção de fazer ali um museu de memória, o que se desejava era criar um centro comunitário no local onde se desenvolveu uma terrível história, mas eles fazem, de alguma forma, as duas coisas. Eles têm livros de memória organizados pelas famílias e muitas outras coisas sobre as pessoas que ali estiveram e sobre suas histórias, mas eles também mantêm uma série de outras atividades acerca do presente, sobre Direitos Humanos e projetos comunitários atuais, demonstrando quererem conectar essas memórias com o presente da comunidade.

No caso da ESMA - eu falo da ESMA, mas imagino que haja muitas outras experiências acontecendo em outros locais semelhantes no país – em todo o complexo havia diferentes atividades ocorrendo, porém interessou-me particularmente a forma como eles buscavam que os visitantes experiências sem o horror daquele

local, usando um espaço vazio para dizer aquilo que em um museu tradicional teria sido dito através de objetos, fotos, textos ou coisas como essas.

Isto é muito interessante: há diferentes estratégias de comunicação, como por exemplo, o Museu de Rosario que utiliza a arte mais do que outros museus, e acho que vem obtendo bons resultados. De muitas dessas obras de arte de Rosario eu ainda me lembro, de forma que penso que essa se constituiu em uma estratégia inovadora. Não recorro de ver outros museus utilizando essa mesma estratégia como o de Rosario².

O museu de Rosario é um projeto de Ruben Chababo, entre outras pessoas, com artistas locais. O papel da arte nesse museu é, segundo Chababo, não só o de evocar os sobreviventes, ou as famílias dos que sobreviveram. Ele pretendia também buscar uma nova forma de mostrar o papel da arte de forma ampla. Qual é o papel da arte em um Museu de Memória? É possível falar de dor e de sofrimento através da arte?

Eu penso que a arte é mais intelectual na forma como pode ser compreendida. Você viu os painéis que se encontram no Museu do 11 de Setembro?

Sim.

Eu não penso que eles funcionem muito bem, porque as pessoas olham e em seguida vão embora. Ou seja, há uma tentativa de explicar o que o artista pretendeu ali, mas porque é a única peça de arte no espaço, exceto por outras que se pode chamar de *folk art* como as colchas e outras coisas, isso soa um pouco estranho.

Algumas peças, penso eu, foram mais bem colocadas no processo comunicativo em Rosário como a de Alfredo Jaar que são documentos de identidade que pendem do teto de maneira que, quando você caminha ali, eles esbarram em você e você tem que caminhar entre esses documentos. Isso provoca uma espécie de

²Museo de la Memoria, Rosario, Argentina.

experiência física decorrente desse contato que não pode ser evitada, e são justamente estes documentos de identidade que evocam os desaparecidos, uma experiência muito forte e efetiva justamente porque os documentos de identidade em si, naquele contexto, carregam consigo a relação entre o Estado e os desaparecidos. Essas recordações de minha experiência pessoal no museu ficaram muito fortemente marcadas. Eu penso que o engajamento artístico com a memória pode funcionar bem quando produz um efeito de vivência, mas igualmente quando nos leva a pensar sobre a memória.

Alguns anti-monumentos na Alemanha fizeram isso, não em museus, mas no espaço público. Se, por um lado, eles falam sobre memória, por outro lado eles estão nos dando uma experiência disso e por outro lado ainda tratam de nos provocar a pensar acerca do processo e acerca da memória. Nesse sentido, eu penso que seja mais interessante tratar de todos esses aspectos conjuntamente.

O que você pensa dos Estudos Museológicos nos Estados Unidos no que se refere aos estudos políticos e sociais?

Os Estudos museológicos, aqui nos Estados Unidos estiveram largamente associados à História da Arte mais do que a outros campos. Na Universidade de Nova Iorque isso foi estruturado de uma forma um pouco estranha, mas temos Estudos museológicos que estão em parte em graduações e no Mestrado em História da Arte, logo não pode ser considerado como um campo muito inovador. Pessoas com interesses voltados mais especificamente para museus tem ido para a área de Antropologia ou outras, não necessariamente em Estudos Museológicos, que se vinculam mais ao treinamento de pessoas para trabalhar em museus.

Os Estudos de Memória, por outro lado, vêm sendo uma espécie de campo interdisciplinar que possibilita a participação de diferentes áreas como o da Linguística, dos Estudos de Mídia, da História da Arte, um pouco menos de História, mas realmente há atualmente um incremento de bolsas de estudo na área de Estudos de Memória que não havia quando eu comecei a escrever sobre o tema.

Eu ministro aulas regularmente em Lisboa em um programa de estudos artísticos na Universidade Nova de Lisboa, e ali há artistas e estudantes interessados em arte e todos querem escrever sobre Memória. Há muitos alunos a pesquisar sobre Portugal Imperial e memória e tais estudos estão bastante vinculados ao Brasil. Então, eu penso que este é um momento em que temos muitas pessoas interessadas no tema da Memória. Em Portugal, eles estão escrevendo sobre artistas que trabalham com Memória também. Parece que todo mundo está interessado no tema da Memória neste momento.

Fale-nos um pouco das pesquisas desenvolvidas em Portugal neste momento.

Em Portugal, o programa do qual faço parte é liderado por João Grilo, que é cineasta. É um programa em estudos artísticos, interdisciplinar sob o tema da Arte, mas é impressionante o número de pessoas interessadas em Memória. Sempre que ministro um curso sobre Memória e Cultura Visual há muitos alunos que decidem que querem escrever sobre Memória.

Fale-nos um pouco acerca do que vem pesquisando no momento.

Bom, neste momento, estou tentando escrever mais sobre a cultura pós 11 de Setembro nos Estados Unidos.

Ontem, no museu, vi as imagens da destruição.

As consequências. Sim, isso foi muito intenso. Em meu livro eu falo muito sobre os *souvenirs* na loja do museu, o ursinho de pelúcia por exemplo. Antes do Museu, com sua loja de presentes oficial, as pessoas vendiam estes *souvenirs* na rua. Parte do que procuro entender é como se desenvolveu essa faceta na cultura americana que permite que nos sintamos inocentes e que não compreendamos o contexto político

internacional no qual se insere o 11 de Setembro. Nós pensamos que fomos atacados de forma inesperada, sem nenhuma razão em particular.

Consideram-se vítimas, portanto.

Nós fomos vítimas inocentes, o que permite que as vítimas do 11 de Setembro sejam mais valoradas que as da Guerra no Iraque, Afeganistão, ou de outro evento qualquer que tenha decorrido desde então. É preciso entender qual o lugar dessas obras kitsch na cultura americana.

Você pensa ser possível haver diálogo entre algozes e vítimas, por exemplo, entre soldados e assassinos no mesmo contexto? Ouvi falar sobre um museu na Guatemala cujo objetivo é justamente permitir o contato entre ambos os lados do conflito. É um projeto museológico chamado Museu da Concordia. Eu penso ser muito importante tratar desse tema.

Eu penso que é realmente importante trabalhar com diversos atores sociais, quer isso aconteça em um museu ou não. Há outros projetos como as Comissões de Verdade e Reconciliação e penso, por exemplo, na Guatemala onde tem havido julgamentos, e exposições, entre outras iniciativas.

Certamente, os museus de memória tentam não tratar somente sobre aquele momento. Nesse aspecto, o museu do 11 de Setembro é muito mais voltado para *aquele dia*, o 11 de setembro. Foram feitas várias programações, palestras, conferências e aí seria o grande espaço para falar sobre como o 11 de setembro é visto, porém, de certa maneira, o memorial e o museu são de fato sobre *aquele dia*, se referem a ele em específico. Penso que as palestras e conferências e outras atividades cumprem um papel mais cosmopolita do que as exposições no museu propriamente dito. Esse é o desafio, pois é difícil pensar em como a sociedade supera esse tipo de violência quando os perpetradores e suas vítimas ainda estão entre nós.

Então, pode-se falar em conflito de memória?

Sim, e a memória neste caso permanece associada à ideia de honrar a morte dessas pessoas, tornando mais complicado pensar em temas como superar o passado, esquecimento ou reconciliação. Em alguns momentos pode haver conflitos justamente aí.

Estou a pensar no *Centro de Memoria, Reconciliación y Paz de Bogotá*.

Tem se tentando construir algo de importante ali, certo?

Sim, na atualidade, o Centro de Memória está envolvido em uma discussão acerca da paz. Então eu penso que esse Centro pode ser visto como algo mais que um museu. Em sua opinião, qual o papel dos museus de memória no que se refere aos Direitos Humanos?

Bem, há algo importante aqui. Penso que a conexão entre memória do terrorismo de Estado e Direitos Humanos tem ocupado espaço na América Latina de uma maneira que não se tem visto em outros lugares. As reivindicações no âmbito dos Direitos Humanos agiram como resposta ao terrorismo de Estado nessas sociedades e isso não aconteceu nos Estados Unidos. Ninguém fala de direitos humanos no museu do 11 de Setembro porque a narrativa aqui não é a respeito da opressão do povo pelo Estado e sim sobre fanáticos que vieram aqui matar nosso povo, certo? Na verdade ocorreram terríveis violações aos Direitos Humanos após esse evento e que não podem ser referidas no museu.

Penso que seja muito interessante ver como, por exemplo, o próprio Museu de Santiago consegue estabelecer uma conexão com as vítimas daquele processo e isso implica um trabalho contínuo inserido em um programa mundial de Direitos humanos. Essa conexão não me parece ocorrer em outras partes do mundo, mesmo na Europa ou aqui, logo penso que seja algo que adquire sentido no contexto latino-

americano. Eu considero que essa temática seja importante, mas também penso que o discurso sobre Direitos Humanos não tem o mesmo poder nos Estados Unidos e, apesar de dizer isso com certa tristeza, considero que nos Estados Unidos seria extremamente difícil estabelecer essas conexões.

Katherine Hite e eu escrevemos um texto no décimo aniversário do 11 de setembro, publicado no *The Huffington Post*, um jornal da moda aqui, que versava sobre essa questão, ou seja, porque não abordamos a memória, nos Estados Unidos, no quadro dos Direitos Humanos. Penso que seja essa a grande contribuição que esses novos museus na América Latina podem trazer, gerando a esperança que isso possa se transformar em mais diálogos em outras partes do mundo. A questão é que passa a ser muito mais produtivo olhar para a questão da violência sob a ótica dos Direitos Humanos, do que em termos de inimigos ou de genocídio, ou utilizando outro termo similar qualquer. É claro que a violência de Estado não foi a mesma no Brasil, no Uruguai, Argentina ou Bolívia, mas houve na América Latina uma espécie de resposta conjunta e que diz respeito a tratar dessa temática sob a ótica dos Direitos Humanos.

Quais você pensa serem os desafios para os Estudos da Memória no que diz respeito a problemáticas tais como a imigração na Europa atualmente, a vinda de refugiados ou o terrorismo?

Bem, parte do desafio é ver como a memória das vítimas pode ser usada para gerar mais guerras. Claro que, em certa medida, podemos dizer que o que está ocorrendo em relação ao ISIS, o Estado Islâmico, está diretamente relacionado à resposta norte-americana ao 11 de Setembro. Da mesma forma que a memória do Holocausto é usada hoje por Israel como justificativa para oprimir os Palestinos, da mesma forma a memória do 11 de Setembro foi usada para perpetrar guerras que têm tido terríveis consequências em várias partes do mundo. Há inúmeros debates atualmente em torno da questão “porque todos estão de luto por Paris quando ninguém age da mesma forma por Beirute ou Síria?”. Eu penso que as pessoas estão sendo forçadas a pensar sobre isso, mesmo nas grandes mídias, pensar sobre como valorizamos algumas

vidas em detrimento de outras, o que é de fato um importante debate. Mas eu penso que nos Estudos de Memória é fundamental analisar como é quais memórias estão sendo usadas politicamente para incitar mais violência. Além disso, é preciso pensar como algumas memórias são usadas para, de alguma forma, apagar outras.

Nesse sentido me reporto a Michael Rothberg. Esse pesquisador trabalha na Universidade de Illinois e escreveu um livro chamado Memória Multidirecional. Ele fala acerca de um tema que pode ser definido pela seguinte expressão: o limitado e real estado da memória. Este tema está relacionado à ideia de que algumas memórias apagam ou eclipsam outras, logo devemos buscar conexões entre elas. Ele tem um estudo muito interessante sobre a Argélia e o Holocausto no qual mostra ser possível estabelecer conexões entre diferentes histórias e falar sobre como as memórias circulam entre si ao invés de se chocarem umas contra as outras. Eu, particularmente, não concordo com a expressão “memória multidirecional”, mas considero esse trabalho muito bom e com grande capacidade de influenciar nos estudos sobre a temática.

Para terminar, fale-nos um pouco acerca dos cursos que vem ministrando, neste momento, na Universidade de Nova Iorque.

Eu tenho um seminário na graduação aqui na Universidade de Nova Iorque que algumas vezes ministro, sobre Mídia, Memória e História, mas eu também atuo em um seminário internacional no qual há mobilidade e os estudantes têm à disposição uma rede internacional de locais para onde ir. Neste momento, estamos indo a Berlim, em Março, por uma semana. Os estudantes fazem o curso aqui em Nova Iorque e depois eles devem desenvolver um projeto. Com esse objetivo é que vamos visitar muitos locais em Berlim, que é um lugar excelente para Estudo de Memória, de Cultura Visual e de Arquitetura, entre outros temas. Após a visita os alunos desenvolverão um projeto acerca de algum dos sítios visitados e depois retornarão a Nova Iorque para apresentá-lo. Eu nunca fiz isso antes, é a primeira vez e eu estou ansiosa aguardando para voltar a Berlim. Deverá ser interessante porque há graduandos e pós-graduandos e são todos jovens.

**Deixo aqui um convite para que visite o Brasil. Gostaríamos muito de ouvi-la.
Muito obrigada por sua entrevista.**